

Com. Drasal

JORGE HAMUCHE

Parece não haver dúvida. Cabeças pensantes desta ou daquela coloração política, entidades empresariais e parcela significativa da sociedade reconhecem na má distribuição de renda e nas falhas do sistema educacional as causas primeiras da crise brasileira. Quem refletir sobre a realidade do País aumentará ainda mais seu grau de preocupação. Basta verificar que, em decorrência desse quadro, cerca de 50% da população brasileira vive em estado de miséria, com renda mensal variando entre um quarto e meio salário mínimo. E mais: que esse caldo se torna potencialmente explosivo diante da corrupção impune e da falência do Estado como administrador. O pior: frente a essa situação macro, a tendência de muitos, já acostumados a conviver com o lado negativo de nossa realidade, é justificar qualquer aberração, das corriqueiras, como o assalto a mão armada para surpreender um relógio, ao crime organizado.

Faz pouco tempo, lideranças expressivas apontaram um dado impressionante: que, no segmento de transporte de carga, só o rodoviário perdeu cerca de Cr\$ 8 bi-



Isto é um assalto!

lhões no Estado de São Paulo, em 1990, em face de assaltos a caminhões, tanto nas estradas quanto na periferia das cidades. Pois bem, juntamo-nos a elas para denunciar que o setor atacadista de tecidos de São Paulo contabilizou no ano passado perdas da ordem de Cr\$ 4 bilhões. Talvez, para muitos, seja mais uma questão corriqueira, um dado estatístico a ser acrescentado aos boletins diários.

Mas, não! São Cr\$ 4 bilhões, o grosso desse volume sem a devida cobertura securityária, pois o transporte é feito na própria cidade, a distâncias curtas.

São perdas em cima de perdas, sem contarmos o fato de que o custo do transporte aumenta só pelo risco de assaltos, e o da segurança nas empresas vem registrando elevação significativa. Reconhecemos que a saída não está na repressão. Ela talvez possa atenuar os efeitos pela redução de ocorrências e, especialmente, pela punição exemplar (outro ponto que mereceria um novo artigo). Todavia — e vale bater nessa tecla —, só uma economia forte, um mercado interno expandido em sua base, via distribuição de renda, é que resolverá de forma duradoura a questão que nos preocupa.

Aí entra o poder público, ou melhor, não entra: na medida em que haja uma desregulamentação inteligente (sem os casuismos do tipo antecipação do pagamento de im-

postos para cobrir os rumbos da ineficiência estatal ou um confisco dos salários por meio do congelamento da tabela progressiva do Imposto de Renda ou, ainda, uma Previdência que funcione), a par da prática de regras simples e duradouras que incentivem os investimentos, vai sobrar mais para remunerar. Enfim, o mercado vai crescer. Os resultados positivos virão a galope...

Ora, o comércio não fatura e o Estado deixa de arrecadar. E, embora seja difícil mensurar o peso negativo daqueles Cr\$ 4 bilhões que se evaporaram, podemos afirmar seguramente que essa quantia vai engrossar o crime. Há uma inegável relação de causa e efeito que nos permite relacionar esse fato — o de assaltos que continuam impunes — com aquelas causas apontadas no inicio deste artigo.

Mas, e o País? "Ora, o País", vão dar de ombros os célicos.

De nossa parte fica a denúncia. Mas fica também lançada aqui a idéia: juntar forças, pleitear formas de coibir mais e melhor a ação criminosa, desarticolá-la, porque essa tarefa surtirá efeito. Será vantajoso para todos. Só assim mudaremos para melhor uma realidade que denigre o Brasil. Acreditamos nos homens e na providência divina.

□ Jorge Hamuche é presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Tecidos, Vestuários e Armarinho de São Paulo